

IMPUNIDADE: ENTRE O PERDÃO E A ESPADA.

Acredito que, nos dias atuais, todos os brasileiros estejam revoltados com o fenômeno da impunidade que assola o País. A nossa Justiça, quando age, o faz tão lentamente, e as penas são tão leves, que parecem ser de caráter simbólico. Vemos seqüências de crimes hediondos não serem punidos. Assassinos confessos soltos à luz do dia após serem libertados sem julgamento. Os argumentos contidos na lei são usados para proteger os maus, enquanto os bons são enjaulados em casa, atemorizados pela barbárie do império da violência.

-De quem a culpa? Da justiça? Da polícia? Das nossas leis muito benevolentes? Dos políticos?

Não temos sido capazes de aprender com outros povos. Quando voltamos o olhar para outros países, enxergamos apenas a Europa e a América do Norte. Não somos capazes de olhar o Oriente Médio, a África e a Ásia. Não temos humildade para considerar essas culturas como fonte de ensinamento. Consideramo-las inferiores. Assim, procuramos copiar americanos e europeus, ou criticá-los por sua impiedade para com os delinqüentes. Desta forma, nem temos copiado nem criado soluções eficientes para a impunidade que nos assola.

Em 1982, com o espírito muito aberto e disposto a aprender, fui morar no Iraque. Quando lá cheguei, estava meio atemorizado porque eles aplicam aos infratores penas muito severas. Tinha sempre aquele medo de que me aplicassem alguma punição. Mas, com o tempo, meu temor foi desaparecendo e passei a constatar diferenças culturais muito interessantes.

Observei que não trancam as portas nem têm muros intransponíveis. Simplesmente, os furtos são muito raros e normalmente praticados por estrangeiros. O furto é punido com a amputação da mão. Mas, em cinco anos, jamais vi alguém que tivesse sofrido esse castigo. O assalto é punido com a morte, porque assalto mais do que furto, é um atentado contra a vida. Assim, é punido com a pena máxima. Mas, nunca vi naquele país alguém que tivesse sido assaltado. Vivendo em Bagdá, com 3,5 milhões de habitantes, é inacreditável que assaltos não ocorressem. O islamismo não permite o assassinato, que é punido com a execução do assassino embora permita o ato terrorista em circunstâncias bem definidas. Havendo uma guerra santa declarada, o terrorismo é permitido se o praticante se imolar na sua execução. Desta forma, os candidatos a homens-bomba são cuidadosamente preparados pelos religiosos e são considerados mártires e, não, assassinos. Ao levarem a termo seus atos violentos, têm o paraíso como recompensa, elevando de *status* na sociedade islâmica. Seus progenitores passam a ser distinguidos e admirados pelos atos “heróicos” de seus filhos. Mas eles se imolam.

Observei que, segundo a religião islâmica, só Deus pode perdoar os pecados. Assim sendo, os criminosos são executados em cerimônias religiosas nas quais misericórdia se pede ao Criador pelos delitos praticados. Ao homem não foi dado o poder de perdoar.

Contrariamente, nos povos católicos, esta postura se inverte: o padre tem o poder de perdoar os pecados, em nome de Deus, qualquer seja o delito cometido.

A meu ver, neste detalhe filosófico nasceu a impunidade que graça entre nós.

A cultura cristã pratica o perdão como ensinamento máximo de Jesus. Ele mesmo perdoou, de sua cruz, o ladrão crucificado à sua direita, o BOM LADRÃO. Nossas leis refletem exatamente este ensinamento: tudo se faz para perdoar o criminoso, o bandido, por mais hediondo tenha sido o delito.

Nossa sociedade anseia por uma Justiça que seja mais severa, mais efetiva, aplicando penas mais rigorosas. Mas, como fazer isto contra os ditames de nossa crença religiosa? - Como poderemos adotar leis não-cristãs? Vamos deixar de ser cristãos?

É difícil admitir que nossa lei penal se baseie em um princípio falso. Mas, ao discutirmos este tema, o debate resvala para o campo religioso, sectário, e, não, filosófico, resultando conflituoso e inútil. Ao invés de se avançar para as conclusões, retorna-se com algum desgaste ao ponto de partida. Não se pode admitir que a religião tenha implantado falsos princípios. A lei do perdão é muito bonita, muito perfeita, mas longe da atual realidade brasileira. Nossos humanistas, juízes, políticos, administradores, todos cristãos, não aceitam a pena de morte. É claro, sendo cristãos, como poderiam aceitar a execução de assassinos? Jesus foi executado. São Pedro e São Paulo, os mais importantes seguidores de Jesus, também o foram. Dos doze apóstolos, Judas se enforcou e apenas João escapou da pena máxima. E muitos mártires deram sua vida pela fé cristã. Assim sendo, falar em pena de morte assombra a Igreja e a seus seguidores.

Bartolomeu foi esfolado na Pérsia;
Marcos foi arrastado por uma parelha de cavalos e morto em Alexandria;
Pedro, Felipe, André e Matias¹ foram crucificados;
Paulo, Tiago Maior e Tiago Menor foram decapitados;
Estevão e Barnabé morreram apedrejados;
Judas Tadeu foi morto a pauladas;
Tomé foi executado com o uso de lanças;
Simão foi serrado ao meio;
Lucas morreu solteiro em Tebas, aos 84 anos. E, João aos 94, faleceu de causas naturais tendo sido enterrado em Éfeso.

Por outro lado, com Maomé foi diferente: ele não foi executado. Era um chefe tribal que promulgou leis severas, muito simples e práticas. Assim, seus seguidores não carregam este pavor endêmico da pena de morte. Juristas cristãos construíram enormes castelos de argumentos e justificativas bem fundamentadas contra a pena capital. No mundo islâmico é exatamente o oposto. Resultado: entre islâmicos a criminalidade é mínima, o aparato policial é pequeno e os gastos com segurança são ínfimos. Minha família, quando retornou de Bagdá, enfrentou sérios problemas em sua readaptação ao Brasil, devido à alta criminalidade.

Em 1991, residindo em Teerã, eu fazia caminhadas noturnas nos imensos parques públicos da cidade que possuía, naquele tempo, 6,5 milhões de habitantes. Nenhum assalto. Em Bagdá, onde morei por quase 5 anos, a mesma segurança. Contrariamente, há anos não vou ao Rio de Janeiro por medo de ser assaltado.

Muitos dizem que se a pena de morte for implantada no Brasil, serão numerosas as execuções e somente pobres serão sentenciados. Não acredito que esta argumentação seja verdadeira. Ser pobre não significa ser potencial assassino. Pobre não é ladrão! A miséria, sim, esta pode levar ao crime. Mas, atualmente, com os programas sociais implantados pelo nosso governo, não mais existe fome no Brasil. Foi erradicada. E a partir das primeiras execuções a criminalidade deverá cair significativamente. Bandido morto não reincide nem incita ao crime seus seguidores. Mas devemos aceitar o fato terrível de que nosso judiciário, como reflexo de nossa sociedade escravocrata, protege os ricos e criminaliza os mais humildes: é o preconceito social, no Brasil muito

¹ Matias, Barnabé, Estevão, Paulo e Lucas não pertenciam ao grupo dos doze apóstolos.

confundido com preconceito de cor. Assim, se adotarmos a pena de morte, teremos que implantar algum mecanismo judicial que assegure proteção aos criminosos sem recursos, para que não sejam punidos pelo preconceito².

Nos Estados Unidos a crença dominante é a protestante e, não, a católica. E, quando se trata de punir criminosos, os protestantes seguem o Velho Testamento deixando de lado os ensinamentos de Jesus. Assim, as penas são severas e a pena de morte existe em alguns estados.

A experiência mostra que quando algo está muito errado, o erro pode ser encontrado nos princípios. E nossa lei se baseia no postulado de que todo homem seja recuperável.

-Sinceramente, todos? Até aqueles marginais com 50 crimes? Você daria emprego a alguém que tivesse cometido 5 mortes? Receberia essa pessoa à mesa juntamente com sua família?

Muitos são irrecuperáveis e jamais serão aceitos na sociedade. Temos que admitir essa verdade. Não podemos reclamar dos políticos, nem da polícia nem do nosso Judiciário. A real causa da impunidade no Brasil é mais profunda. Nossa lei é fundamentada em princípios católicos para os quais qualquer bandido é recuperável.

-Só se for na eternidade.

Jesus instituiu o perdão. Perdoou seus algozes e ainda concedeu esta graça ao ladrão crucificado à sua direita. Não perdoou o ladrão à esquerda porque Gestas o desafiou, não acreditando no Mestre. A terrível interpretação deste fato conduziu à enorme benevolência de nossas leis. Além de considerarmos recuperáveis, nossa lei procura perdoar a todos os bandidos.

Esta impunidade, entre outros males, dificulta o crescimento de nossa economia, que é pífio comparado com os de outros países emergentes. Entre nós, maus pagadores também não são punidos. Paga conta quem quer. Este fato atinge brutalmente a nossa taxa de juros. A insegurança de quem empresta é enorme. Nossos juros são estratosféricos, em parte, devido à impunidade³. Sustentamos caríssimo aparato de segurança. **Aumentamos os preços de todos os bens devido aos juros estratosféricos** pois nosso custo de capital é elevadíssimo.

Por trás de tudo, a nossa crença católica sustenta e alimenta esse caos como uma mãe zelosa e salvadora.

-Todo bandido é recuperável!

-Nenhum devedor é obrigado a pagar!

-Viva o Bom Ladrão!

-Viva o mau pagador!

E gastamos fortunas em juros para financiar a produção. Nossa segurança é caríssima.

E ainda culpamos a polícia, o Judiciário e os políticos. Os políticos, sim, não têm noção do que têm feito nesta seara. Não seria melhor se copiassem um código estrangeiro ao invés de ficar discutindo inutilidades?

² Segundo o antropólogo Darci Ribeiro (O Povo Brasileiro), no Brasil é grande o preconceito social e muito pouco representativo o preconceito de cor.

³ Além da impunidade existem outras razões que fazem a nossa taxa de juros ser a mais alta do mundo. Nossa caderneta de poupança paga juros elevadíssimos, 6% por ano, estabelecendo um patamar fora da realidade mundial, insustentável em um mundo globalizado. Outros fatores seriam a rolagem de nossa dívida interna e o mau hábito de tolerarmos juros altíssimos. Hamurabi em seu código de leis tabelou os juros em 1/6 do capital, anualmente. Mas não sabemos se este tabelamento deu bom resultado. Os juros são como a febre que mostra uma infecção no corpo. Combater o estado febril não cura a enfermidade. Mas quando a febre é alta, o médico prescreve medicamentos contra a mesma.

Ouvi na cara, muitas vezes, no mundo árabe, que a sociedade brasileira é corrupta, podre e suja.

Em 1991, ao passar pela alfândega do aeroporto de Teerã, as autoridades locais apreenderam meu violão. Justificativa: a música ocidental poderia macular a pureza da sociedade iraniana. Conclusão: a licenciosidade, a falta de respeito e a impunidade existentes no Brasil têm fama internacional e assombram o mundo. Somos famosos pela nossa podridão!

Até quando?

Reconheçamos a grandiosidade do trabalho realizado pela Igreja no Brasil, desde o início da colonização. Mas é necessário ter consciência de que nossas leis seguem exatamente o ensinamento de Jesus: todos são perdoados. E não venha dizer que a culpa seja da polícia.

Perdoar a todos fere o senso de justiça, insistentemente pregado no Velho Testamento.

Fidencio Maciel, abril de 2010.

Visite o site www.africamae.com.br e leia os livros.